

FICHA TÉCNICA

Título original: *Leaving Time*

Autora: *Jodi Picoult*

Copyright © 2014 by Jodi Picoult

Todos os direitos reservados

Edição portuguesa publicada por acordo com Ballantine Books, uma chancela de The Random House Publishing Group, uma divisão de Random House, Inc.

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2015

Tradução: *Manuela Madureira*

Fotografia da autora © Adam Bouska

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras / Editorial Presença*

Composição: *Miguel Trindade*

Impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º 390 308/15

1.ª edição, Lisboa, abril, 2015

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

PARA JOAN COLLISON

*Um amigo verdadeiro caminhará a teu lado ao longo
de centenas de quilómetros, debaixo de chuva, neve, saraiva e granizo.*

PRÓLOGO

JENNA

Antigamente, algumas pessoas acreditavam que havia um cemitério de elefantes, um lugar para onde os elefantes doentes e velhos se dirigiam para morrer. Afastavam-se da sua manada e arrastavam-se pela paisagem poeirenta, como os titãs da Mitologia Grega que estudámos no secundário. Segundo a lenda, esse sítio ficava na Arábia Saudita; que era a fonte de uma força sobrenatural; que continha um livro de encantamentos que traria a paz mundial.

Os exploradores que partiam em busca do cemitério seguiam elefantes moribundos durante semanas, apenas para acabarem por perceber que tinham andado em círculos. Alguns desses viajantes desapareceram por completo. Outros não conseguiam lembrar-se do que haviam visto, e nem um único dos exploradores que afirmou ter encontrado o cemitério conseguiu voltar a localizá-lo.

Eis porquê: o cemitério dos elefantes é um mito.

É verdade que houve investigadores que encontraram grupos de elefantes que tinham morrido nas proximidades uns dos outros, muitos ao longo de um curto período de tempo. Alice, a minha mãe, diria que havia uma razão perfeitamente lógica para um local de enterro maciço: um grupo de elefantes que morrera todo na mesma altura devido a falta de alimentos ou de água; um massacre perpetrado por caçadores de marfim. É até possível que os ventos fortes de África pudessem arrastar ossos espalhados e concentrá-los numa pilha. *Jenna*, ter-me-ia ela dito, *há uma explicação para tudo o que vemos.*

Existe imensa informação acerca de elefantes e morte que não é fábula, mas sim ciência pura e dura. A minha mãe teria podido dizer-me também isso. Ter-nos-íamos sentado, ombro com ombro, sob o imenso carvalho onde Maura gostava de se colocar à sombra, observando o elefante a apanhar bolotas com a tromba e a lançá-las para longe. A minha mãe classificaria cada arremesso como um juiz de olimpíadas. 8.5... 7.9. *Ohh! Um 10 perfeito.*

Talvez eu a tivesse escutado. Mas talvez, também, tivesse apenas fechado os olhos. Talvez tivesse tentado memorizar o cheiro do *spray* repelente de insetos da pele da minha mãe, ou a maneira como ela entrançava o meu cabelo distraidamente, atando-o na ponta com um pedaço de erva verde.

Talvez durante todo esse tempo eu estivesse a desejar que existisse realmente um cemitério de elefantes, mas que não fosse apenas para elefantes. Porque então talvez eu pudesse encontrá-la.

ALICE

Quando eu tinha nove anos, antes de crescer e de me tornar cientista, pensava que sabia tudo ou pelo menos queria saber tudo, e na minha mente não havia diferença entre as duas coisas. Nessa idade, era obcecada por animais. Sabia que um grupo de tigres se chamava alcateia. Sabia que os golfinhos são carnívoros. Sabia que as girafas tinham quatro estômagos e que os músculos das pernas dos gafanhotos eram mil vezes mais poderosos que o mesmo peso de músculo humano. Sabia que os ursos-polares brancos tinham pele preta sob a pelagem, e que as alforrecas não tinham cérebro. Sabia tudo isto pelos cartões de factos acerca dos animais que a *Time-Life* editava mensalmente e que eu recebera de presente do meu pseudo-padrasto, que saíra de casa um ano antes e atualmente vivia em São Francisco com Frank, o seu melhor amigo, a quem a minha mãe chamava «a outra mulher» se julgava que eu não estava a ouvir.

Todos os meses o correio trazia novos cartões, e depois, em outubro de 1977, chegou o melhor de todos: o que falava de elefantes. Não sei dizer-vos por que eram eles os meus animais preferidos. Talvez fosse por causa do meu quarto, com a sua áspera carpete verde-selva e o friso de papel de parede com desenhos animados de elefantes a dançarem pelas paredes. Talvez fosse pelo facto de o primeiro filme que eu vira, ainda mal andava, ter sido o *Dumbo*. Talvez fosse por o forro de seda do casaco de peles da minha mãe, que o herdara da sua mãe, ter sido feito de um sari indiano com elefantes estampados.

Por esse cartão da *Time-Life* aprendi os factos básicos acerca dos elefantes. Eram o maior animal à face da terra, pesando por vezes mais de seis toneladas. Consumiam diariamente cento e cinquenta a duzentas toneladas de comida. Tinham a gravidez mais longa de todos os mamíferos terrestres: vinte e dois meses. Viviam em manadas de procriação, chefiadas por uma matriarca, frequentemente o membro mais velho do grupo. Era ela que decidia para onde o grupo ia todos os dias, quando descansava, onde comia, e onde bebia. Os bebés eram criados e protegidos por todas as fêmeas aparentadas da manada, e viajavam com elas, mas os machos, ao atingirem cerca de treze anos, iam-se embora, umas vezes preferindo vaguear sozinhos e outras juntando-se a um grupo só de machos.

Mas isso eram factos que *toda a gente* sabia. Eu, por outro lado, tornei-me obcecada e escavei um pouco mais, tentando descobrir tudo o que era possível na biblioteca da escola e através dos meus professores e livros. Assim, podia igualmente dizer-vos que os elefantes se queimam com o sol, razão pela qual atiram terra para as costas e se rojam na lama. O seu mais próximo parente vivo era o damão-do-cabo, um bichinho minúsculo e peludo, parecido com um porquinho-da-índia. Sabia que, tal como um bebé humano chucha no polegar para se acalmar, uma cria de elefante chucha por vezes na sua tromba. Sabia que em 1916, em Erwin, Tennessee, um elefante fêmea chamado *Mary* tinha sido julgado e enforcado por homicídio.

Olhando para trás, tenho a certeza de que a minha mãe se cansou de ouvir falar de elefantes. Talvez fosse por isso que, num sábado de manhã, me acordou antes de o Sol nascer e me disse que íamos sair para uma aventura. Não havia zoos perto do sítio onde vivíamos, em Connecticut, mas o Forest Park Zoo, em Springfield, Massachusetts, tinha um elefante verdadeiro vivo: e nós íamos vê-lo.

Dizer que fiquei excitada seria dizer pouco. Durante horas metralhei a minha mãe com piadas acerca de elefantes:

O que é que é bonito, cinzento, e usa sapatos de vidro? A Cinderelafante.

Porque é que os elefantes têm rugas? Porque não cabem na tábua de passar a ferro.

Como é que se desce de um elefante? Não se desce. De um ganso é que se desce.

Porque é que os elefantes têm trombas? Porque ficariam esquisitos com bicos.

Quando chegámos ao zoo, corri pelos caminhos até me encontrar parada diante de *Morganetta*, o elefante fêmea.

Que não se parecia nada com o que eu tinha imaginado.

Aquilo não era o animal majestoso representado no meu cartão da *Time-Life*, nem nos livros em que eu estudara. Por um lado, ela estava acorrentada a um gigantesco bloco de cimento no centro do recinto, portanto não podia andar muito em qualquer direção. Tinha feridas nas patas posteriores provocadas pelas grillhetas. Faltava-lhe um olho, e recusava-se a olhar para mim com o outro. Eu era apenas mais uma pessoa que viera observá-la na sua prisão.

A minha mãe ficou igualmente atónita com o estado dela. Chamou um encarregado do zoo, e ele explicou-nos que *Morganetta* tomara em tempos parte em desfiles locais, e fizera exposições do tipo competir com universitários de uma escola próxima num jogo de tração à corda, mas que a velhice a tornara imprevisível e violenta. Fustigara com a tromba visitantes que se haviam aproximado muito da sua jaula. Partira o pulso a um tratador.

Comecei a chorar.

A minha mãe arrastou-me de volta ao carro para a viagem de quatro horas até casa, embora tivéssemos permanecido no zoo apenas dez minutos.

— Não podemos ajudá-la? — perguntei eu.

E foi assim que, aos nove anos, me tornei advogada dos elefantes. Após uma ida à biblioteca, sentei-me à mesa da cozinha e escrevi ao presidente da câmara de Springfield, Massachusetts, pedindo-lhe que desse mais espaço e mais liberdade a *Morganetta*.

Ele não se limitou a responder-me. Enviou a sua resposta a *The Boston Globe*, que a publicou, e depois um jornalista telefonou-nos para escrever um artigo sobre a garota de nove anos que convencerá o presidente da câmara a mandar mudar *Morganetta* para um recinto de búfalo muito maior, no zoo. Presentearam-me com um Certificado de Cidadã Preocupada na assembleia da minha escola

primária. Fui convidada a voltar ao zoo para a grande inauguração e para cortar a fita vermelha com o presidente. Os *flashes* disparavam sobre o meu rosto, cegando-me, enquanto *Morganetta* se deslocava por trás de nós. Dessa vez, ela fitou-me com o olho bom. E eu soube, soube simplesmente, que ela continuava infeliz. As coisas que lhe haviam acontecido, as correntes e as grillhetas, a jaula e os espancamentos, talvez até a recordação do momento em que fora retirada de África, continuavam todas com ela naquele recinto de búfalo, e ocupavam por completo o espaço extra.

Para que conste, o presidente Dimauro continuou a tentar melhorar a vida de *Morganetta*. Em 1979, após a morte do urso-polar de Forest Park, as instalações fecharam e *Morganetta* foi transferida para o zoo de Los Angeles. A sua casa ali era muito maior. Tinha um lago, e brinquedos, e dois elefantes mais velhos.

Se eu soubesse nessa altura o que sei agora, podia ter dito ao presidente da câmara que o facto de se colocarem elefantes juntos não significa que eles estabeleçam amizade. As personalidades dos elefantes são tão únicas como as dos humanos, e assim como não se presumiria que dois humanos escolhidos ao acaso se tornariam amigos íntimos, não se deveria presumir que dois elefantes estabelecem uma ligação apenas porque são ambos elefantes. *Morganetta* continuou a sua espiral depressiva, perdendo peso e deteriorando-se. Aproximadamente um ano depois da sua chegada a L.A., foi encontrada morta no fundo do lago do recinto.

A moral desta história é que, às vezes, mesmo que nos esforcemos por fazer toda a diferença do mundo, continua a ser como tentar tapar o sol com uma peneira.

A moral desta história é que, por muito que tentemos, por muito que o desejemos... algumas histórias simplesmente não têm um final feliz.

PARTE I

Como explicar a minha reverência heroica? Sinto
que o meu corpo foi inflado por um garoto travesso.
Outrora era do tamanho de um falcão, do tamanho de um leão,
Outrora não era o elefante que descubro ser.
A minha pele descai, e o meu dono repreende-me por uma habilidade
falhada. Pratiquei-a toda a noite na minha tenda, por isso
estava algo sonolento. As pessoas associam-me a tristeza
e, frequentemente, a racionalidade. Randall Jarrell comparou-me
a Wallace Stevens, o poeta americano. Percebo-o
nos tercetos bisonhos, mas em minha opinião
sou mais como Eliot, um homem da Europa, um homem
culto. Qualquer um tão sobrecarregado de cerimónias sofre
depressões. Não gosto das espetaculares experiências
de equilíbrio, do ato com arame nem dos cones.
Nós elefantes somos imagens de humildade, como quando
emprendemos as nossas melancólicas migrações para morrer.
Sabiam, porém, que houve elefantes ensinados
a escrever o alfabeto grego com os cascos?
Desgastados pelo sofrimento, deitamo-nos nas nossas enormes costas,
atirando erva ao céu — como distração, não como uma prece.
Não é humildade o que veem nas nossas longas jornadas finais:
É procrastinação. O meu corpo pesado dói quando se deita.

DAN CHIASSON, «*O Elefante*»

JENNA

Em se tratando de memória, sou tipo profissional. Posso ter apenas treze anos, mas estudei isto da forma como as outras miúdas da minha idade devoram revistas de moda. Existe o tipo de memória que se tem acerca do mundo, como saber que os fogões são quentes e que se não usarmos sapatos para ir à rua no inverno apanhamos gangrena. Há o tipo adquirido através dos nossos sentidos: fixar o Sol faz-nos franzir os olhos e minhocas não são a melhor escolha para uma refeição. Há as datas que recordamos das aulas de História e despejamos no exame final, porque são importantes (pelo menos assim nos dizem) no grande esquema do universo. E há pormenores pessoais de que nos lembramos, como picos num gráfico da nossa própria vida, sem importância para ninguém exceto para nós. No ano passado, na escola, a minha professora de Ciências deixou-me fazer um trabalho independente sobre a memória. A maioria dos meus professores deixa-me fazer trabalhos independentes, porque sabem que me aborreço nas aulas e, francamente, acho que sentem um certo receio de que eu saiba mais do que eles e não querem ter de o admitir.

A minha primeira memória é branca nos extremos, como uma fotografia tirada com demasiado *flash*. A minha mãe segura açúcar enrolado num cone, algodão doce. Leva o dedo aos lábios — *Isto é um segredo nosso* — e depois rasga um pedacinho. Quando toca com ele nos meus lábios, o açúcar dissolve-se. A minha língua enrola-se em volta do seu dedo e chupa com força. *Iswidi*, diz-me ela. *Doce*.

Aquilo não é o meu biberão; não é um gosto que eu conheço, mas é um gosto bom. Depois ela inclina-se e beija-me na testa. *Uswidi*, diz ela. Querida.

Não posso ter mais de nove meses.

Isto é bastante espantoso, na realidade, porque a maioria dos miúdos tem as suas primeiras memórias de entre os dois anos e os cinco. O que não significa que os bebés sejam pequenos amnésicos; eles têm memórias muito antes de terem fala mas, estranhamente, não conseguem aceder-lhes depois de começarem a falar. Talvez a razão pela qual eu recordo o episódio do algodão doce seja o facto de a minha mãe falar em Xhosa, que não é a nossa língua mas uma que ela aprendeu enquanto trabalhava no seu doutoramento na África do Sul. Ou talvez a razão por que tenho esta memória aleatória seja uma compensação efetuada pelo meu cérebro, porque *não consigo* recordar aquilo que tão desesperadamente desejaria: pormenores da noite em que a minha mãe desapareceu.

A minha mãe era uma cientista e, durante um período de tempo, estudou até a memória. Fazia parte do seu trabalho sobre stress pós-traumático e elefantes. Conhecem o velho provérbio de que os elefantes nunca esquecem? Pois bem, é um facto. Podia fornecer-vos toda a documentação da minha mãe, se quisessem a prova. Tenho-a praticamente memorizada, sem pretender fazer trocadilho. As suas descobertas oficiais publicadas foram de que a memória está ligada a emoções fortes, e que momentos negativos são como escrever com um marcador indelével na parede do cérebro. Mas a linha entre um momento negativo e um traumático é ténue. Os momentos negativos são recordados. Os traumáticos são esquecidos, ou tão enterrados que são irreconhecíveis, ou então transformam-se no grande e árido *vazio* branco que vejo mentalmente quando tento focar-me naquela noite.

Eis o que sei:

1. Eu tinha três anos.
2. A minha mãe foi encontrada em terreno do santuário, inconsciente, cerca de uma milha a sul de um corpo morto. Isto constava do relatório policial. Ela foi levada para o hospital.

3. Eu não sou mencionada no relatório da polícia. Depois disso, a minha avó levou-me para casa dela, porque o meu pai andava frenético às voltas com uma tratadora de elefantes morta e uma esposa que fora agredida e deixada inconsciente.
4. Algures antes do amanhecer, a minha mãe recuperou os sentidos e desapareceu do hospital sem que nenhum membro do pessoal a visse sair.
5. Eu nunca mais a vi.

Por vezes, penso na minha vida como duas carruagens de comboio enganchadas uma na outra no momento do desaparecimento da minha mãe, mas se tento ver como é que elas estão ligadas há um solavanco nos carris que me atira violentamente a cabeça para trás. Sei que era uma rapariga com cabelo louro arruivado, que corria de um lado para o outro como um animal selvagem enquanto a minha mãe tomava apontamentos intermináveis acerca de elefantes. Agora sou uma garota demasiado sisuda para a idade e demasiado inteligente para seu próprio bem. E no entanto, por muito que eu impressione com as minhas estatísticas científicas, falho rotundamente em se tratando de factos da vida real, como saber que Wanelo é um website e não uma excitante banda nova. Se o oitavo ano é um microcosmo da hierarquia social da adolescência humana (e, para a minha mãe, sê-lo-ia certamente), então recitar os nomes de cinquenta manadas de elefantes do Tuli Block do Botsuana não pode competir com identificar todos os membros dos One Direction.

Não é que eu não me insira na escola por ser a única garota sem mãe. Há imensos miúdos a quem faltam pais, ou miúdos que não falam dos pais, ou miúdos cujos pais vivem neste momento com novas esposas e novos miúdos. Contudo, eu não tenho realmente amigos na escola. Sento-me lá na ponta da mesa do almoço a comer o que quer que a minha avó me tenha mandado, enquanto as raparigas «fixes» — que, juro por Deus, se intitulam as Estalactites — tagarelam acerca de quando crescerem irem trabalhar para a OPI e inventarem nomes para cores de vernizes baseados em filmes famosos: Magenta-lemen Prefer Blondes; A Fuchsia

Good Men¹. Talvez eu tenha tentado juntar-me à conversa uma ou duas vezes, mas se o faço, elas olham-me geralmente como se tivessem cheirado algo mau vindo da minha direção, com os narizinhos franzidos, e depois voltam para o que quer que estavam a conversar. Não posso dizer que fique devastada pela maneira como sou ignorada. Suponho que tenho coisas mais importantes com que me preocupar.

As memórias sobre o outro lado do desaparecimento da minha mãe são igualmente dispersas. Posso falar-vos do meu novo quarto em casa da minha avó, que tinha uma cama de rapariga crescida, a minha primeira. Havia um cestinho de palha na mesa de cabeceira, que inexplicavelmente se achava cheio de pacotes cor-de-rosa de Sweet’N Low, embora não houvesse por ali nenhuma máquina de café. Todas as noites, mesmo antes de eu saber contar, espreitava lá para dentro a fim de verificar se ainda lá estavam. Continuo a fazer isso.

Posso falar-vos das visitas ao meu pai, no princípio. As salas de Hartwick House cheiravam a amónia e a chichi, e mesmo quando a minha avó insistia para eu conversar com ele e eu trepava para a cama, tremendo só com a ideia de estar tão perto de alguém que reconhecia mas não conhecia de todo, ele não falava nem se mexia. Posso descrever a forma como as lágrimas me corriam dos olhos como se isso fosse um fenómeno natural e esperado, da mesma maneira que uma lata de refrigerante transpira num dia de verão.

Lembro-me dos pesadelos que tinha, que não eram verdadeiramente pesadelos, mas apenas eu a ser despertada de um sono de morte pelo sonoro barrido de *Maura*. Mesmo depois de a minha avó acorrer ao meu quarto e me explicar que a matriarca elefante vivia nesse momento a centenas de quilómetros, num novo santuário no Tennessee, eu continuava com aquela sensação insistente de que *Maura* estava a tentar dizer-me qualquer coisa, e que se eu falasse a língua dela tão bem como a minha mãe falara, compreenderia.

¹ Alusão aos filmes *Os Homens Preferem as Louras* e *Homens de Honra*. (NT)

Tudo o que me resta da minha mãe é a sua investigação. Leio atentamente os seus diários, porque sei que um dia as palavras se ordenarão numa página e me dirigirão para ela. Ela ensinou-me, mesmo ausente, que todos os bons cientistas começam com uma hipótese, que é apenas um palpite disfarçado numa palavra elegante. E o meu palpite é este: ela nunca me teria deixado ficar para trás, não voluntariamente.

Ainda que seja a última coisa que faço, vou prová-lo.

Quando desperto, *Gertie* está estendida sobre os meus pés, um enorme tapete cão. Ela contorce-se, correndo atrás de qualquer coisa que apenas vê nos seus sonhos.

Conheço *essa* sensação.

Tento sair da cama sem a acordar, mas ela levanta-se de um salto e ladra à porta fechada do meu quarto.

— Calma — digo eu, enterrando os dedos no pelo espesso do seu pescoço. Ela lambe-me a face, mas não se acalma minimamente. Conserva os olhos fixos na porta do quarto, como se pudesse ver o que há do outro lado.

O que, dado aquilo que tenho planeado para esse dia, é bastante irónico.

Gertie salta da cama, a cauda fustigando a parede ao abanar. Abro a porta e deixo-a precipitar-se lá para baixo, onde a minha avó a deixará sair e lhe dará de comer, e começará a preparar o meu pequeno-almoço.

Gertie veio para casa da minha avó um ano depois de mim. Antes disso, tinha vivido no santuário e era a melhor amiga de um elefante chamado *Syrab*. Passava o dia inteiro junto de *Syrab*; e quando *Gertie* adoeceu *Syrab* ficou mesmo a guardá-la, esfregando-a suavemente com a sua tromba. Não era a primeira história acerca da amizade entre um cão e um elefante, mas aquela era lendária, escrita em livros infantis e apresentada nas notícias. Um fotógrafo famoso organizou até um calendário com amizades improváveis entre animais e fez de *Gertie* a Miss julho. Assim, quando *Syrab* foi mandada para longe, após o fecho do santuário, *Gertie* sentiu-se tão abandonada como eu. Durante meses

ninguém soube o que lhe havia acontecido. E então, um dia, a campainha da porta tocou, a minha avó foi abrir e deparou com um funcionário do abrigo de animais a perguntar se conhecíamos aquele cão, que fora encontrado nas nossas vizinhanças. Ela ainda tinha a coleira, com o nome bordado. *Gertie* estava escanzelada e com manchas de picadas de pulga, mas começou a lambe-me a cara. A minha avó deixou *Gertie* ficar, provavelmente porque achou que isso me ajudaria a adaptar.

Se vamos ser francos, tenho de dizer que não resultou. Eu fui sempre uma solitária, e nunca me senti realmente como se pertencesse aqui. Assemelho-me a uma dessas mulheres que leem Jane Austen obsessivamente e ainda têm esperança de que Mr. Darcy lhes apareça à porta. Ou aos que encenam a Guerra Civil, rugindo uns aos outros em campos de batalha agora salpicados de campos de basebol e bancos de parque. Eu sou a princesa numa torre de marfim, excetuando o facto de cada tijolo ser feito de história, e de que eu própria construí esta prisão.

Tive realmente *uma* amiga na escola, em tempos, que de certo modo compreendia. Chatham Clarke foi a única pessoa a quem contei o que se passara com a minha mãe e que eu a ia encontrar. Chatham vivia com a tia, porque a mãe se drogava e estava na cadeia; e nunca conhecera o pai. «É nobre», disse-me Chatham. «A vontade que tens de ver a tua mãe.» Perguntei-lhe o que significava aquilo e ela contou-me que, uma vez, a tia a levava à prisão onde a mãe dela cumpria a pena; que ela se arranjava toda com uma saia de folhos e sapatos daqueles que parecem espelhos pretos. Mas a mãe dela tinha a pele cor de cinza e sem vida, os olhos mortos e os dentes estragados das metanfetaminas, e Chatham contou-me que, apesar de a mãe ter dito que gostaria de poder dar-lhe um abraço, ela nunca se sentira tão satisfeita com a existência de uma coisa como a parede de plástico entre elas na cabina das visitas. Nunca mais lá voltara.

Chatham era útil de imensas maneiras: levou-me a comprar o meu primeiro sutiã, porque a minha avó não pensara em cobrir um peito inexistente e (como disse Chatham) ninguém com mais de dez anos que tenha de se mudar num vestiário escolar deve deixar

as meninas à mostra. Passava-me notas nas aulas de Inglês, desenhos toscos da nossa professora, que usava demasiado bronzeador e cheirava a gatos. Dava-me o braço ao atravessarmos o vestíbulo, e qualquer investigador de vida selvagem vos dirá que quando se trata de sobreviver num meio hostil, um grupo de dois é infinitamente mais seguro do que um grupo de um.

Uma manhã Chatham deixou de ir à escola. Falei para casa dela e ninguém atendeu. Fui até lá de bicicleta e encontrei um letreiro: vende-se. Eu não acreditei que ela se fosse embora sem uma palavra, especialmente porque sabia ter sido isso que me transtornara tanto em relação ao desaparecimento da minha mãe, mas foi-se tornando cada vez mais difícil defendê-la perante mim mesma à medida que passava uma semana e depois duas. Quando comecei a não fazer os trabalhos de casa e a ter más notas nos testes, o que não era de todo o meu estilo, fui chamada ao gabinete da conselheira da escola. Ms. Sugarman tinha mil anos e marionetas no seu gabinete, a fim de que as garotas demasiado traumatizadas para proferir a palavra vagina pudessem, suponho, montar um espetáculo tipo Punch e Judy mostrando onde é que haviam sido tocadas impropriamente. Seja como for, eu não achava que Ms. Sugarman conseguisse guiar-me para fora de um saco de papel, quanto mais de uma amizade destruída. Ela perguntou-me o que pensava eu que acontecera a Chatham, e respondi que presumia que ela fora arrebatada. Que eu fora Deixada Para Trás.

Não seria a primeira vez.

Ms. Sugarman não voltou a chamar-me ao seu gabinete, e se eu já antes era considerada a excêntrica da escola, desde aí passei a totalmente pirada.

A minha avó ficou intrigada com o desaparecimento de Chatham. «Sem te dizer?» comentou ela ao jantar. «Não é maneira de tratar uma amiga.» Eu não soube como explicar-lhe que durante todo o tempo em que Chatham fora a minha parceira no crime, já eu antecipava aquilo. Se alguém nos abandona uma vez, esperamos que isso volte a acontecer. Por fim, evitamos aproximar-nos das pessoas o suficiente para as deixar tornarem-se importantes para nós, porque assim não reparamos quando elas saem do nosso mundo.

Sei que isto parece incrivelmente deprimente para uma rapariga de treze anos, mas é melhor do que ser obrigada a aceitar que o denominador comum tens de ser *tu*.

Posso não ser capaz de mudar o meu futuro, mas diabos me levem se não vou tentar compreender o meu passado.

Assim, sigo um ritual matinal. Há pessoas que bebem café e leem o jornal; há pessoas que vão ao Facebook; outras esticam o cabelo ou fazem cem abdominais. Eu visto-me e vou para o computador. Passo imenso tempo na Internet, essencialmente em www.Nam.Us.gov, o site oficial do Departamento de Justiça para pessoas desaparecidas ou não-identificadas. Verifico rapidamente a base de dados das Pessoas Não-Identificadas, para ter a certeza de que nenhum médico legista reportou novas informações acerca do falecimento de uma mulher sem identificação. Depois verifico a base de dados das Pessoas Não-Reclamadas, percorrendo qualquer adição à lista de pessoas que morreram mas não têm parentes próximos. Finalmente, ligo-me à base de dados das Pessoas Desaparecidas e vou diretamente para a entrada da minha mãe.

Estado: desaparecida

Nome próprio: Alice

Apelido de solteira: Kingston

Apelido: Metcalf

Alcunha/vulgo: nenhuma

Data LKA²: 16 julho, 2004, 23h45.

Idade LKA: 36

Idade atual: 46

Raça: branca

Sexo: feminino

Altura: 1,65m

Peso: 56,5kg

Cidade: Boone

Estado: New Hampshire

Circunstâncias: Alice Metcalf era uma naturalista e investigadora no Santuário de Elefantes de New England. Foi encontrada inconsciente na noite

² Last Know Alive (Vistos Vivos pela Última Vez). (NT)

de 16 de julho de 2004, aproximadamente às dez da noite, meio quilómetro a sul do corpo de uma empregada do santuário que fora espezinhada por um elefante. Após ter sido admitida no Mercy United Hospital em Boone Heights, NH, Alice recuperou os sentidos cerca das 23h. Foi vista pela última vez por uma enfermeira que fora verificar as suas funções vitais às 23h45.

Nada mudou no perfil. Eu sei, porque fui eu que o escrevi.

Há outra página acerca da cor do cabelo da minha mãe (ruivo) e dos olhos (verdes); sobre se ela tinha alguma cicatriz, deformidade, tatuagem ou membros artificiais que pudessem ser usados para a identificar (não). Há uma página com a lista da roupa que usava quando desapareceu, mas tive de deixar essa em branco, porque não sei. Há uma página vazia acerca de possíveis meios de transporte, outra acerca de fichas dentárias e outra para a amostra do seu ADN. Há também uma fotografia dela, que scanizei da única foto da casa que a minha avó não escondeu no sótão: um grande plano da minha mãe comigo ao colo, diante de *Maura*, o elefante.

Depois há uma página para os contactos da polícia. Um deles, Donny Boylan, reformou-se, mudou-se para a Florida e tem Alzheimer (é espantoso o que se sabe pelo Google). O outro, Virgil Stanhope, apareceu pela última vez numa newsletter da polícia por ter sido promovido a detetive numa cerimónia em 13 de outubro de 2004. Sei, pelas minhas investigações digitais, que ele já não está ao serviço do Departamento de Polícia de Boone. Tirando isso, parece ter desaparecido da face da terra.

Não é tão invulgar como pensam.

Há famílias inteiras cujas casas foram abandonadas com os televisores ligados, chaleiras a ferver, brinquedos espalhados pelo chão; famílias cujas carrinhas foram encontradas em parques de estacionamento vazios ou afundadas em lagos locais, e todavia nunca foram descobertos corpos. Há raparigas universitárias que desapareceram depois de terem escrito o seu número de telefone num guardanapo, para homens, em bares. Há avôs que se aventuraram bosque dentro e de quem nunca mais se ouviu falar. Há bebés que receberam beijos de boas-noites nos seus berços, e desapareceram antes da alvorada. Há mães que fizeram listas de compras, se meteram nos seus carros, mas nunca regressaram a casa do supermercado.

— Jenna! — A voz da minha avó interrompe-me. — Isto não é um restaurante!

Desligo o computador e saio do quarto. Pensando melhor, abro a minha gaveta de roupa interior e tiro das suas profundezas um delicado lenço azul. Não condiz nada com os meus calções de ganga e o *top*, mas enrolo-o em volta do pescoço, desço rapidamente e subo para um dos bancos altos.

— Olha que tenho mais que fazer do que apajar-te — declara a minha avó, de costas para mim, fazendo saltar uma panqueca na frigideira.

A minha avó não é aquela avó de TV, um querubim carinhoso, de cabelos brancos. Trabalha na fiscalização de estacionamento na via pública para a empresa local concessionária dos parquímetros. E podem contar-se pelos dedos de uma mão o número de vezes que a vi sorrir.

Gostaria de poder falar com ela acerca da minha mãe. Quer dizer, ela tem todas as memórias que eu não tenho, porque viveu com a minha mãe durante dezoito anos, ao passo que eu, por meu lado, dispus de uns míseros três. Gostava de ter o tipo de avó que, quando eu era pequena, me mostrasse fotografias da minha mãe desaparecida, ou fizesse um bolo no seu dia de anos, em vez de se limitar a encorajar-me a selar os meus sentimentos dentro de uma caixinha.

Não me interpretem mal; eu amo a minha avó. Ela vem ouvir-me cantar nos concertos de coro da escola, e prepara-me cozinha vegetariana apesar de gostar de carne; deixa-me ver filmes para maiores de 16 anos porque (diz ela) não têm nada que eu não veja nos corredores nos intervalos das aulas. Eu amo a minha avó. Só que ela não é a minha mãe.

A mentira que disse hoje à minha avó é que vou tomar conta do filho de um dos meus professores preferidos, Mr. Allen, que me deu Matemática no sétimo ano. O nome do miúdo é Carter, mas eu chamo-lhe Controle de Natalidade, porque ele é o melhor argumento de sempre contra a procriação. É a criança menos atraente que já conheci. A sua cabeça é enorme e, quando olha para mim, tenho a certeza absoluta de que consegue ler-me os pensamentos.

A minha avó vira-se, com as panquecas equilibradas numa espátula, e imobiliza-se ao ver o lenço em volta do meu pescoço. É verdade que não condiz, mas não é por isso que ela comprime os lábios. Abana a cabeça num julgamento silencioso e bate com a espátula no meu prato ao pousar a comida.

— Apeteceu-me usar um acessório — minto eu.

A minha avó não fala acerca da minha mãe. Se eu estou vazia por dentro por ela ter desaparecido, então a avó está a transbordar de cólera. Não consegue perdoar à minha mãe ter partido — se foi isso que aconteceu — e não consegue aceitar a alternativa — que a minha mãe não pode voltar porque está morta.

— Carter — comenta a minha avó, mudando habilmente de conversa. — É o bebé que parece uma beringela?

— Não é todo. Apenas a testa — esclareço eu. — Da última vez que fiquei a tomar conta dele, berrou durante três horas seguidas.

— Leva protetores de ouvidos — sugere a minha avó. — Vens jantar a casa?

— Não tenho a certeza. Mas vemo-nos mais tarde.

Digo-lhe isso sempre que ela sai. Digo-lho porque é o que ambas precisamos de ouvir. A minha avó pousa a frigideira no lava-louças e pega na bolsa. — Vê lá se deixas sair a *Gertie* antes de ires — recomenda ela, tendo o cuidado de não olhar para mim nem para o lenço da minha mãe ao passar.

Comecei a procurar ativamente a minha mãe aos onze anos. Antes disso, sentia a falta dela, mas não sabia o que fazer acerca do assunto. A minha avó não queria meter-se por aí, e o meu pai, tanto quanto eu sabia, nunca dera a minha mãe como desaparecida, porque estava catatónico num hospital psiquiátrico quando tal acontecera. Atazanei-o com isso algumas vezes, mas dado que tal desencadeava em geral novas recaídas, parei de falar no caso.

Então, um dia, no consultório do dentista, li um artigo na revista *People* acerca de um miúdo de dezasseis anos que conseguira que reabrissem o caso do homicídio da mãe, nunca solucionado, e que o assassino fosse levado a tribunal. Comecei a pensar que o que me faltava em dinheiro e recursos podia ser

compensado por uma forte determinação, e nessa mesma tarde, decidi tentar. É verdade que podia ser um beco sem saída, mas mais ninguém tinha tido êxito a descobrir a minha mãe. Também ninguém procurara tão a fundo como eu tencionava fazer.

Maioritariamente, as pessoas que eu abordava ignoravam-me ou lamentavam-me. O Departamento de Polícia de Boone recusou ajudar-me porque a) eu era menor e não tinha consentimento do meu tutor; b) o rasto da minha mãe achava-se mais do que frio após dez anos; e c) tanto quanto estavam convencidos, o caso de homicídio relacionado fora resolvido: fora declarado morte acidental. O Santuário de Elefantes de New England, é claro, encontrava-se completamente disperso, e a única pessoa que podia contar-me mais acerca do que acontecera àquela tratadora que morrera, isto é, o meu pai, nem sequer era capaz de dizer com precisão o seu nome ou o dia da semana, muito menos pormenores acerca do incidente que provocara a sua quebra psicótica.

Portanto resolvi encarregar-me eu própria do assunto. Tentei contratar um detetive privado, mas depressa aprendi que eles não fazem trabalho *pro bono*, como alguns advogados. Foi nessa altura que comecei a tomar conta de bebês de professores, planeando ter juntado no final do verão dinheiro suficiente para, pelo menos, conseguir interessar alguém. Depois iniciei o processo de me tornar no meu melhor investigador.

Quase todos os motores de busca *online* para encontrar pessoas desaparecidas custam dinheiro e exigem um cartão de crédito, e eu não tinha nenhum deles. Mas consegui descobrir um livro de autoajuda *Então Você Quer Ser Detetive Privado?* numa venda de caridade da igreja, e passei vários dias a decorar as informações de um capítulo: «Encontrar Aqueles que Estão Perdidos.»

Segundo o livro, há três tipos de Pessoas Desaparecidas:

1. Pessoas que não estão realmente desaparecidas mas têm vidas e amigos que não nos incluem. Antigos namorados e a companheira de quarto da faculdade com quem se perdeu contacto entram nesta categoria.

2. Pessoas que não estão realmente desaparecidas mas que não querem ser encontradas. Pais exaustos e testemunhas da máfia, por exemplo.
3. Todos os outros. Como os que fogem de casa e os garotos cujas fotos vêm nas embalagens de leite, que foram raptados por psicopatas em carrinhas brancas sem janelas.

A única razão pela qual os detetives privados conseguem encontrar alguém é que imensas pessoas sabem exatamente onde está a Pessoa Desaparecida. Tu simplesmente não és uma dessas. Precisas de encontrar alguém que *seja*.

As pessoas que desaparecem têm as suas razões. Podem ter cometido uma fraude com seguros ou querer esconder-se da polícia. Podem ter decidido recomeçar do zero. Podem estar enterradas em dívidas até às orelhas. Podem ter um segredo e não querer que ninguém descubra. Segundo o *Então Você Quer Ser Detetive Privado?*, a primeira pergunta que devemos fazer-nos é: esta pessoa quer ser encontrada?

Devo admitir que não desejo ouvir a resposta a isso. Se a minha mãe se afastou de livre vontade, então talvez tudo o que fosse preciso para a levar a voltar para mim fosse saber que eu continuo à procura, saber que, decorrida uma década, eu não a esqueci. Penso, por vezes, que para mim seria mais fácil descobrir que a minha mãe tinha morrido há dez anos do que ouvir dizer que ela estava viva e optava por não voltar.

O livro dizia que encontrar os que estão perdidos é como fazer um puzzle de palavras. Temos as pistas todas, e estamos a tentar ordená-las para obter um endereço. Reunir informação é a arma do investigador privado, e os factos são os seus amigos. Nome, data de nascimento, número da segurança social. Escolas que frequentou. Datas de serviço militar, historial de empregos, amigos ou parentes conhecidos. Quanto mais longe se atira a rede, mais probabilidades há de apanhar alguém que teve uma conversa com a Pessoa Desaparecida acerca de onde desejava poder ir passar férias, ou qual seria o seu emprego ideal.

O que se faz com esses factos? Bem, começa-se por os utilizar para excluir coisas. A primeira pesquisa que fiz na Internet, aos

onze anos, foi para ir à base de dados do Índice de Pessoas Falecidas da Segurança Social e procurar aí o nome da minha mãe.

Ela não vinha referida como tendo falecido, mas isso não me diz o suficiente. Pode estar viva, ou pode estar a viver com uma identidade diferente. Pode estar morta e não ter sido identificada.

Não estava no Facebook nem no Twitter, nem no Classmates.com, nem na rede de alunos de Vassar, a sua universidade. Mas também a minha mãe andava sempre tão absorta no seu trabalho e nos seus elefantes que não creio que tivesse muito tempo para tais distrações.

Havia 367 Alice Metcalf em listas telefónicas *online*. Telefonei a duas ou três por semana, para a minha avó não se passar ao ver o custo das chamadas de longa distância na conta telefónica. Deixei imensas mensagens. Houve uma senhora de idade, amorosa, de Montana, que quis rezar pela minha mãe, e outra mulher que trabalhava como produtora numa emissora em L.A. e prometeu levar a história ao chefe como uma peça com interesse humano, mas nenhuma das pessoas a quem telefonei era a minha mãe.

O livro tinha igualmente outras sugestões: procurar nas bases de dados das prisões, nas aplicações de marcas, até nos registos genealógicos da Igreja de Jesus Cristo dos Santos do Último Dia. Quando tentei esses, não obtive quaisquer resultados. Quando inseri no Google «Alice Metcalf» obtive demasiados — mais de 1,6 milhões. Portanto reduzi a pesquisa procurando por «Alice Kingston Metcalf Sofrimento dos Elefantes» e obtive uma lista de toda a sua investigação académica, a maioria efetuada antes de 2004.

Contudo, na página dezasseis de busca do Google, havia um artigo num blogue de psicologia acerca do processo de sofrimento dos animais. Três parágrafos adiante, Alice Metcalf era citada como tendo dito: «É egoísmo pensar que os humanos têm o monopólio do sofrimento. Há provas importantes de que os elefantes lamentam a perda daqueles que amam.» Aquilo era uma minúscula palavra-chave, sem nada de extraordinário no seu todo, algo que ela dissera centenas de vezes antes em outros diários e comunicações académicas.

Mas aquela entrada do blogue datava de 2006.

Dois anos após o seu desaparecimento. Embora tenha procurado na Internet durante um ano, não encontrei qualquer outra prova da existência da minha mãe. Não sei se a data no artigo *online* fora um erro tipográfico, se eles citavam a minha mãe de anos anteriores, ou se a minha mãe, aparentemente viva e de saúde em 2006, ainda continua viva e de saúde.

Só sei que encontrei aquilo, e já é um começo.

Dentro do espírito de não deixar pedra sobre pedra, não limitei a minha busca às sugestões de *Então Você Quer Ser Detetive Privado?* Tornei-me membro de Listservs de pessoas desaparecidas. Uma vez, numa feira, ofereci-me como voluntária para ser a ajudante do hipnotista diante de uma multidão de pessoas que comiam salsichas panadas e cebolas panadas, na esperança de que ele libertasse as memórias comprimidas dentro de mim, mas tudo o que ele me disse foi que, numa vida passada, eu era empregada de copa no palácio de um duque. Fui a um seminário gratuito na biblioteca, acerca da lucidez dos sonhos, esperando poder transferir algumas dessas dicas para a minha mente obstinadamente cerrada, mas aquilo afinal era só acerca de registos em diários e pouco mais.

Hoje, pela primeira vez, vou a uma médium.

Há algumas razões para não ter ido antes. Primeira, não possuía dinheiro suficiente. Segunda, não fazia a menor ideia de onde encontrar uma de confiança. Terceira, não é muito científico, e se a minha mãe, *in absentia*, me ensinara alguma coisa, fora que acreditasse em factos nus e crus, e em documentação. Mas depois, há dois dias, estava a empilhar de novo os blocos de apontamentos da minha mãe e caiu um marcador de livros de um deles.

Não era verdadeiramente um marcador. Era uma nota de dólar, dobrada como origami na forma de um elefante.

De súbito, recordei a minha mãe com as mãos a voarem sobre uma nota, dobrando e amarrotando, virando e revirando, até eu parar o meu choro de criança e fixar, fascinada, o minúsculo brinquedo que ela me fizera.

Tocara no pequeno elefante como se esperasse que ele se desfilasse numa nuvem de fumo. E então o meu olhar pousou na página aberta do diário, um parágrafo que de repente se destacou como se estivesse escrito a néon:

Provoco sempre as expressões mais engraçadas em colegas quando lhes digo que os melhores cientistas compreendem que dois a três por cento do que quer que estejam a estudar não é simplesmente quantificável: pode ser magia ou alienígenas ou variação aleatória, nenhum dos quais pode na realidade ser excluído. Se queremos ser honestos como cientistas... temos de admitir que podem existir algumas coisas que não é suposto nós sabermos.

Tomei isso como um sinal.

Toda a gente do mundo preferiria olhar para uma obra-prima dobrada do que para o pedaço de papel liso original, mas não eu. Eu tinha de começar do princípio. Portanto passei horas a desdobrar cuidadosamente o trabalho da minha mãe, fingindo conseguir ainda sentir o calor das pontas dos seus dedos na nota. Fui passo a passo, como se estivesse a realizar uma operação, até conseguir voltar a dobrar o dólar como ela o fizera, até ter uma pequena manada de seis novos minúsculos elefantes verdes marchando na minha secretária. Continuei a pôr-me à prova durante todo o dia, para ter a certeza de que não me esquecera, e sempre que obtinha êxito corava de orgulho. Nessa noite, adormeci visualizando um momento dramático, tipo filme-da-semana, em que encontrava finalmente a minha mãe desaparecida e ela não sabia quem eu era, até eu transformar uma nota de dólar num elefante diante dos seus olhos. E depois ela abraçou-me. E não me largou mais.

Ficariam surpreendidos com o número de médiuns que vêm listadas nas páginas amarelas. Guias Espirituais New Age, Conselhos Psíquicos de Laurel, Leituras de Tarot da Sacerdotisa Pagã, Leituras por Kate Kimmel, O Renascer da Fénix: conselhos acerca de Amor, Riqueza, Prosperidade.

Visionária Serenity, Cumberland Street, Boone.

Serenity não tinha um anúncio grande, nem um número gratuito, nem apelido, mas morava a uma distância de minha casa que podia fazer-se de bicicleta, e era a única que prometia uma leitura pela pechincha de dez dólares.

Cumberland Street é uma parte da cidade que a minha avó me diz sempre para evitar. É basicamente um beco com uma loja de conveniência falida que foi entaipada, e um bar modesto de reputação duvidosa. No passeio veem-se dois letreiros, um anunciando bebidas a dois dólares antes das cinco da tarde e outro que diz: TAROT, \$10, 14R.

O que é 14R? Uma idade mínima exigida? Um tamanho de sutiã?

Sinto-me pouco à vontade a deixar a minha bicicleta na rua, porque não tenho tranca para ela — nunca preciso de a trancar na escola ou na Rua Principal ou noutra sítio qualquer onde vou normalmente —, por isso meto-a no corredor à esquerda da entrada do bar e arrasto-a pelas escadas que cheiram a cerveja e a suor. No cimo há um pequeno vestíbulo. Uma das portas está marcada 14R e tem uma placa: LEITURAS POR SERENITY.

As paredes do vestíbulo estão forradas de papel aveludado a descolar-se. No teto florescem manchas amarelas e cheira demasiado a *potpourri*. Há uma mesa desconjuntada apoiada a uma lista telefónica para se equilibrar. Nela vê-se um prato de louça cheio de cartões de visita: SERENITY JONES, VIDENTE.

Não há muito espaço para mim e uma bicicleta no pequeno vestíbulo. Dobro-a de maneira a formar um semicírculo e tento encostá-la à parede.

Ouçõ as vozes abafadas de duas mulheres do outro lado da porta. Não tenho a certeza se devo bater, para informar Serenity de que estou ali. Depois percebo que se ela é minimamente boa naquilo que faz, já deve saber.

Apesar disso, para jogar pelo seguro, tusso. Alto.

Com a bicicleta equilibrada contra a anca, encosto o ouvido à porta.

Está perturbada devido a uma decisão muito importante.

Uma respiração ofegante, uma segunda voz. Como é que soube?

Tem sérias dúvidas sobre se o que vai decidir será o caminho correto.

De novo a outra voz: Tem sido tão difícil, sem Bert.

Ele está aqui agora. E quer que você saiba que pode confiar no seu coração.

Uma pausa. *Isso nem parece do Bert.*

Claro que não. Aquilo foi outrem que a está a proteger.

A tia Louise?

Sim! Diz que você foi sempre a preferida dela.

Não consigo evitar fungar. *Boa escapadela, Serenity,* penso.

Talvez ela me tenha ouvido rir, porque cessam as conversas vindas do outro lado da porta. Inclino-me mais para ouvir melhor, e desequilibro a bicicleta. Atrapalhada para não cair, tropeço no lenço da minha mãe, que se desenrolara. A bicicleta e eu estatelamo-nos sobre a pequena mesa, e a taça cai e faz-se em cacos.

A porta escancara-se e eu ergo os olhos de onde estou, agachada no meio da estrutura da bicicleta em oito, tentando apanhar os bocados. — O que se passa aqui?

Serenity Jones é alta, com um remoinho de cabelo cor-de-rosa, tipo algodão doce, equilibrado no cimo da cabeça. O batom é a condizer com o penteado. Tenho a estranha sensação de já a ter visto antes. — É a Serenity?

— Quem pergunta?

— Não devia *saber*?

— Eu sou presciente, não omnisciente. Se fosse omnisciente isto seria Park Avenue e eu andaria a amealhar os meus dividendos nas ilhas Cayman. — A sua voz tem um som gasto, como um sofá com as molas lassas. Depois repara nos bocados de louça partida que eu seguro. — Estás a *brincar* comigo! Isso era a taça de vidência da minha avó!

Não faço a menor ideia do que é uma taça de vidência. Só sei que estou bem tramada. — Lamento. Foi um acidente...

— Fazes a menor ideia dos anos que isso tem? É uma herança de família! Agradece ao Menino Jesus a minha mãe não estar viva para ver isto. — Agarra nos bocados, encaixando as bordas como se elas fossem colar-se por magia.

— Eu posso tentar consertá-la...

— A não ser que sejas mágica não vejo que tal possa acontecer. A minha mãe e a minha avó estão ambas a revolver-se nos túmulos, tudo porque tu não tens sequer o juízo que Deus concedeu a uma doninha.

— Se era assim tão preciosa porque é que a deixou de qualquer maneira na sua entrada?

— Porque é que *tu* trouxeste uma bicicleta para uma sala do tamanho de um armário?

— Achei que ma roubariam se a deixasse ficar lá em baixo — explico eu, levantando-me. — Olhe, eu pago-lhe a taça.

— Fofa, o teu dinheiro dos bolinhos das Escoteiras não chega para cobrir o custo de uma antiguidade de 1858.

— Eu não ando a vender bolinhos das Escoteiras — digo-lhe. — Estou aqui para uma leitura.

Isso leva-a a interromper-se bruscamente. — Não trabalho com crianças.

Não trabalha ou *não quer trabalhar*? — Sou mais velha do que pareço. — Isto é um facto. Toda a gente pensa que ainda ando no quinto ano e não no oitavo.

A mulher que se encontrava lá dentro surge também subitamente emoldurada na porta. — Serenity? Você está bem?

Serenity vacila, tropeçando na minha bicicleta. — Estou ótima. — Sorri-me com ar rígido. — Não posso ajudar-te.

— Perdão? — interroga a cliente.

— Não é com a senhora, Mrs. Langham — responde Serenity, murmurando depois para mim. — Se não sais imediatamente chamo a polícia e apresento queixa.

Talvez Mrs. Langham não queira uma médium que é anti-pática com miúdos ou talvez simplesmente não queira estar por perto quando a polícia chegar. Seja lá por que for, ela olha para Serenity como se pretendesse dizer qualquer coisa mas depois esgueira-se por entre nós e desce precipitadamente o lance de escadas.

— Oh, belo — murmura Serenity. — Agora deves-me uma peça de herança inestimável e os dez dólares que acabo de perder.

— Eu pago o dobro — exclamo. Tenho sessenta e oito dólares. É tudo quanto amealhei este ano a tomar conta de bebés, e ando a poupá-los para contratar um detetive privado. Não estou convencida de que Serenity seja aquilo de que preciso. Mas estou disposta a separar-me de vinte dólares para descobrir.

Os seus olhos brilham ao ouvir isto. — Para ti — diz ela —, abrirei uma exceção na idade. — Abre mais a porta, revelando uma sala normal, com um sofá, uma mesa de apoio e uma televisão. Assemelha-se à casa da minha avó, o que é algo decepcionante. Nada ali grita *médium*. — Algum *problema*? — pergunta ela.

— Acho que estava à espera de uma bola de cristal e uma cortina de contas.

— Para isso tens de pagar mais.

Olho para ela porque não tenho a certeza se aquilo é a brincar. Ela senta-se pesadamente no sofá e aponta-me uma cadeira. — Como te chamas?

— Jenna Metcalf.

— Muito bem, Jenna — diz ela com um suspiro. — Vamos lá a andar com isto. — Estende-me um livro de registos e pede-me para anotar o meu nome, morada e número de telefone.

— Para quê?

— Para o caso de eu precisar de comunicar contigo mais tarde. Se um espírito tiver uma mensagem ou algo assim.

Aposto que o mais provável é ser para me mandar *emails* a anunciar 20% de desconto na minha leitura seguinte, mas pego no livro encadernado a pele e registo-me. Tenho as palmas das mãos suadas. Agora que chegou o momento, hesito. O pior cenário será Serenity Jones revelar-se uma fraude, outro beco sem saída quanto ao mistério da minha mãe.

Não. O pior cenário é Serenity Jones revelar-se uma médium competente, e eu ficar a saber uma de duas coisas: que a minha mãe me abandonou voluntariamente ou que a minha mãe está morta.

Ela pega no tarot e começa e baralhar as cartas. — O que eu te vou dizer durante esta leitura talvez não faça sentido imediatamente. Mas lembra-te da informação porque, um dia, podes ouvir qualquer coisa e compreender o que os espíritos tentaram dizer-te hoje. — Recita aquilo da mesma maneira que as hospedeiras de bordo nos dizem como apertar e soltar os cintos. Depois estende-me o baralho para que eu o corte em três partes. — Então o que queres tu saber? Quem está louco por ti? Se vais tirar 5 a Inglês? A que universidade te deves candidatar?

— Nada disso me interessa. — Devolvo-lhe o baralho, inteiro. — A minha mãe desapareceu há dez anos — digo — e quero que me ajude a encontrá-la.

Há uma passagem nos diários da minha mãe acerca da investigação no terreno que sei de cor. Às vezes, se estou aborrecida numa aula, até a escrevo no meu caderno, tentando imitar os floreios da sua letra.

É do tempo que ela passou no Botsuana, quando andava a fazer um estudo pós-doc acerca do pesar dos elefantes no Tuli Block, e registou a morte de um elefante na selva. Era a cria de uma fêmea de quinze anos chamada *Kagiso*. *Kagiso* dera à luz logo após a alvorada, e a cria nascera morta ou morrera logo depois. O que, segundo os apontamentos da minha mãe, não era invulgar para um elefante que tinha a primeira cria. O que era estranho era a maneira como *Kagiso* reagira.

TERÇA

0945 *Kagiso de pé ao lado da cria em plena luz do sol, em terreno completamente aberto. Afaga-lhe a cabeça e levanta-lhe a tromba. A cria não se move desde as 0635.*

1152 *Kagiso ameaça Aviwe e Cokisa quando as outras fêmeas vêm investigar o corpo da cria.*

1515 *Kagiso continua junto do corpo. Toca na cria com a tromba. Tenta levantá-la.*

QUARTA

0630 *Preocupada com Kagiso que não foi ao ponto de água.*

1042 *Kagiso limpa o corpo da cria morta. Quebra ramos e usa-os para a tapar.*

1546 *Calor brutal. Kagiso vai ao ponto de água e volta para continuar nas proximidades da cria.*

QUINTA

0656 *Três leões aproximam-se; começam a arrastar a carcaça da cria. Kagiso carrega sobre elas; elas fogem para leste. Kagiso fica por cima do corpo da cria, soltando barridos.*

0820 *Ainda a barrir.*

1113 *Kagiso continua por cima da cria morta.*

2102 *Três leões alimentam-se da carcaça da cria. Kagiso não está à vista.*

No fundo da página a minha mãe escrevera o seguinte:

Kagiso abandona o corpo da sua cria após três dias de vigília.

Há muita investigação documentada acerca de uma cria de elefante com menos de dois anos não sobreviver se ficar órfã.

Não há, até agora, nada escrito acerca do que acontece à mãe que perde o seu bebé.

Na altura em que escreveu aquilo a minha mãe ainda não sabia que já estava grávida de mim.

— Não trabalho com pessoas desaparecidas — declara Serenity num tom de voz que não permite sequer a tentativa de um *mas*.

— Não trabalha com miúdos — enuncio eu, contando pelos dedos. — Não trabalha com pessoas desaparecidas. Exatamente em que é que trabalha?

Ela franze os olhos. — Queres um alinhamento de energia? Não há problema. Tarot? Avança. Comunicar com alguém que faleceu? Estou à tua disposição. — Inclina-se para a frente, para eu perceber, sem margem para enganar, que bati numa parede de cimento. — Mas *não* trabalho com pessoas desaparecidas.

— Mas é médium.

— Médiuns diferentes possuem talentos diferentes — diz ela. — Preconização, leitura de auras, convocação de espíritos, telepatia. Só porque me deram a provar não significa que fique com o bufete completo.

— Ela desapareceu há dez anos — prossigo eu, como se Serenity não tivesse falado. Pergunto-me se deverei contar-lhe do corpo espezinhado, ou do facto de a minha mãe ter sido levada para o hospital, e decido que não. Não quero facultar-lhe as respostas. — Eu tinha apenas três anos.

— A maioria das pessoas desaparece porque quer — afirma Serenity.

— Mas nem todas — replico eu. — Ela não me deixou. Sei que não. — Hesito, desenrolo o lenço da minha mãe e empurro-o na direção dela. — Isto pertencia-lhe. Talvez ajude...?

Serenity nem lhe toca. — Eu não disse que não *podia* encontrá-la. Disse que não *queria*.

De todas as maneiras que imaginei o desenrolar deste encontro, esta não foi uma delas. — Porquê? — pergunto, atónita. — Porque não há de querer ajudar-me, se pode?

— Porque não sou o raio da Madre Teresa! — responde ela bruscamente. O seu rosto fica cor de tomate; pergunto-me se terá visto a sua morte iminente devido a hipertensão. — Com licença — diz ela, desaparecendo pelo corredor. Um momento depois, ouço uma torneira a correr água.

Ausenta-se cinco minutos. Dez. Levanto-me e começo a vaguear pela sala. Dispostas na consola da lareira há fotografias de Serenity com George e Bárbara Bush, com Cher, com o tipo de Zoolander. Aquilo não faz sentido para mim. Porque haveria uma pessoa que convive com celebridades de estar a anunciar leituras de tarot a dez dólares em Nenhures Leste, New Hampshire?

Ao ouvir o autoclismo corro de volta para o sofá e sento-me, como se lá tivesse ficado o tempo todo. Serenity regressa, recomposta. As mechas rosa do seu cabelo estão húmidas, como se ela tivesse salpicado a cara com água. — Não te vou cobrar pelo meu tempo hoje — diz ela, e eu fungo. — Lamento verdadeiramente o que aconteceu com a tua mãe. Talvez outra pessoa te possa dizer aquilo que queres ouvir.

— Quem?

— Não faço ideia. Sabes que não nos reunimos todos no Café Paranormal às quartas à noite. — Aproxima-se da porta e segura-a completamente aberta, a minha deixa para sair. — Se eu souber de alguém que faça esse tipo de coisa, contacto-te.

Desconfio que aquilo é uma mentira chapada, dita para me pôr a milhas da sua sala. Passo para o vestíbulo e endireito a minha bicicleta. — Se não quer encontrá-la para mim — peço —, pode pelo menos dizer-me se ela está morta?

Nem consigo acreditar que perguntei aquilo até as palavras ficarem a pairar entre nós, como cortinas que nos impedem de

ver bem uma à outra. Durante um segundo penso em pegar na bicicleta e correr porta fora antes de ter de ouvir a resposta.

Serenity estremece como se eu a tivesse atingido com uma arma de eletrochoques. — Não está.

Enquanto ela me fecha a porta na cara, pergunto-me se isso é também uma mentira chapada.

Em vez de regressar a casa, pedalo para lá dos subúrbios de Boone, quase cinco quilómetros por uma estrada de terra batida, até à entrada da Reserva Natural Stark, assim chamada em honra do general da Guerra da Independência que inventou a divisa do estado, «Viver Livre ou Morrer.» Mas há dez anos, antes de ser a Reserva Natural Stark, era o Santuário de Elefantes de New England, que fora fundado pelo meu pai, Thomas Metcalf. Nesse tempo, estendia-se por mais de oito quilómetros quadrados, com um perímetro de oitocentos mil metros quadrados entre o santuário e a casa residencial mais próxima. Agora, mais de metade está transformada num centro comercial, um Costco, e num bairro social. O resto é mantido pelo estado.

Arrumo a bicicleta e ando durante vinte minutos, ultrapassando a floresta de bétulas e o lago, agora descurado e cheio de ervas daninhas, onde os elefantes iam diariamente beber água. Finalmente chego ao meu sítio preferido, sob um carvalho maciço com braços retorcidos como uma bruxa. Embora a maioria dos bosques estejam atapetados de musgo e fetos nesta época do ano, o solo debaixo desta árvore foi sempre alcatifado com cogumelos vermelho-vivo. Parece o tipo de lugar onde as fadas viveriam, se fossem reais.

Chamam-se *Laccaria Amethystina*. Procurei-os na Internet. Pareceu-me ser uma coisa que a minha mãe faria se os tivesse visto.

Sento-me no meio dos cogumelos. Poder-se-ia pensar que lhes esmagaria as cabeças, mas eles cedem ao meu peso. Passo a mão pela parte de baixo de um, com as suas rugas tipo acordeão. A sensação é simultaneamente de veludo e músculo, tal qual a ponta de uma tromba de elefante.

Fora naquele lugar que *Maura* enterrara a sua cria, o único elefante nascido no santuário. Eu era demasiado nova para me

recordar disso, mas li-o nos diários da minha mãe. *Maura* chegou ao santuário já grávida, embora o zoo que a despachou não soubesse disso na altura. Ela deu à luz quase quinze meses após a sua chegada, uma cria nado-morta. *Maura* levou-a para o sítio debaixo do carvalho e cobriu-a com agulhas e ramos de pinheiro. Na primavera seguinte, lindíssimos cogumelos cor de violeta rebentaram ali, onde os restos da cria haviam acabado por ser formalmente enterrados pelo pessoal do santuário.

Tiro do bolso o telemóvel. A única coisa boa quanto à venda de metade da propriedade do santuário é que agora há uma enorme torre celular não muito longe, e o serviço é provavelmente melhor aqui do que em todo o resto de New Hampshire. Abro um motor de busca e escrevo: «Serenity Jones Médium.»

A primeira coisa que leio é a sua entrada na Wikipedia. *Serenity Jones (1 novembro, 1966) é uma espírita e médium americana. Apareceu inúmeras vezes no Good Morning America, e teve o seu próprio programa de televisão, Serenity!, onde fazia leituras a frio da assistência e também leituras independentes com voluntários, mas especializou-se em casos de pessoas desaparecidas.*

Casos de pessoas desaparecidas? Estão a gozar comigo?

Trabalhou com vários departamentos de polícia e com o FBI, e gabava-se de uma taxa de êxito de 88%. No entanto, a sua previsão falhada acerca do rapto do filho do senador John McCoy foi largamente difundida pelos órgãos de informação e levou a família a apresentar queixa. Jones desapareceu da ribalta em 2007.

Será possível que uma médium famosa, mesmo caída em desgraça, se tenha evaporado da face da terra e reemergido uma década mais tarde perto de Boone, New Hampshire? Absolutamente. Se alguém procurasse um lugar para não dar nas vistas, esse seria a minha cidade, onde a coisa mais excitante que acontece durante todo o ano é o torneio de Cow Plop Bingo³ do 4 de Julho.

³ Jogo em que um campo é dividido em quadrados, como no bingo, e se solta uma vaca. Quando esta faz uma necessidade, o dono do quadrado em que o excremento caiu ganha um prémio. (NT)

Examino a lista das suas previsões públicas.

Em 1999, Jones disse a Thea Katanopoulis que o seu filho Adam, desaparecido há sete anos, estava vivo. Em 2001 Adam foi localizado, a trabalhar num navio da marinha mercante, ao largo da costa de África.

Jones previu com exatidão a absolvição de O. J. Simpson e o grande terramoto de 1989.

Em 1998, Jones afirmou que a próxima eleição presidencial seria adiada. Embora a eleição em si, em 2000, não tenha sido adiada, os resultados oficiais só foram publicados após 36 dias.

Em 1998, Jones disse à mãe de Kerry Rashid, uma universitária desaparecida, que a filha tinha sido esfaqueada e que a prova de ADN exoneraria o homem que acabaria por ser condenado pelo crime. Em 2004, Orlando Ickes foi libertado em resultado do Projeto Inocência e o seu antigo colega de quarto acusado do crime.

Em 2001, Jones disse à polícia que o corpo de Chandra Levy seria encontrado numa encosta de uma zona densamente arborizada. Foi encontrado no ano seguinte em Rock Creek Park, Maryland, num declive acentuado. Previu igualmente que Thomas Quintanos IV, um bombeiro de Nova Iorque supostamente morto após o 11 de Setembro, estava vivo, e ele foi efetivamente retirado dos escombros cinco dias após o ataque ao World Trade Center.

No seu programa televisivo, em 2001, Jones conduziu a polícia em direto a Pensacola, Florida, terra do carteiro Earlen O'Doule, localizando um quarto secreto na sua cave e Justine Fawker, supostamente morta, que havia sido raptada oito anos antes, aos 11 de idade.

No seu programa televisivo, em novembro 2003, Jones disse ao senador John McCoy e à esposa que o seu filho, raptado, ainda estava vivo e poderia ser encontrado num terminal de camionetas em Ocala, Florida. Os restos do rapaz foram ali localizados, em decomposição.

A partir daí, as coisas tinham descambado para Serenity Jones.

Em dezembro 2003, Jones disse à viúva de um SEAL⁴ que ela daria à luz um rapaz saudável. A mulher sofreu um aborto espontâneo catorze dias depois.

⁴ Principal força de operações especiais da Marinha dos EUA, que deve a sigla ao facto de operar no mar (SEa), no ar (Air) e em terra (Land). (NT)

Em janeiro 2004, Jones disse a Yolanda Rawls, de Orem, Utah, que Velvet, a sua filha de cinco anos desaparecida, sofrera uma lavagem ao cérebro e estava a ser criada por uma família Mormom, provocando uma onda de protestos em Salt Lake City. Seis meses mais tarde, o namorado de Yolanda confessou o assassinio da criança e conduziu a polícia a uma campa rasa perto do depósito de lixo local.

Em fevereiro 2004, previu que os restos de Jimmy Hoffa seriam descobertos nas paredes de cimento de um abrigo nuclear construído na cave da família Rockefeller em Woodstock, Vermont. Provou-se não estar correto.

Em março 2004, Jones declarou que Audrey Seiler, uma aluna da Universidade de Wisconsin-Madison, que desaparecera, fora vítima de um serial killer e que seria encontrada uma faca com provas. Descobriu-se que Seiler havia encenado o seu próprio rapto para tentar despertar a atenção do seu namorado.

Em maio 2007, previu que Madeleine McCann, que tinha desaparecido durante as férias com os pais, em Portugal, seria encontrada em agosto. O caso continua por resolver.

Desde então não fez quaisquer previsões públicas. Pelo que vejo, *ela* desapareceu.

Não admira que não *trabalhe com miúdos*.

Ok, ela cometeu um colossal erro público no caso McCoy, mas, diga-se em sua defesa, acertara em metade: eles encontraram *mesmo* o rapaz desaparecido. Só que não estava vivo. Fora azar que, após uma série de êxitos, o seu primeiro fracasso envolvesse um político superfamoso.

Há imagens de Serenity nos Grammys com Snoop Dogg e no Correspondents' Dinner na Casa Branca com George W. Bush. Há uma outra foto dela na secção de Moda da Polícia da *US Weekly* envergando um vestido com duas imensas rosetas de seda cosidas sobre as maminhas.

Clico na minha app do YouTube e teclo o nome de Serenity e o do senador. Surge um vídeo, mostrando Serenity num estúdio de televisão, com o seu cabelo enrolado em forma de gelado, vestindo um calças-casaco de um rosa apenas levemente mais escuro. Do lado oposto, num sofá cor de púrpura, vê-se o senador McCoy, um

tipo com um queixo que podia ser usado para medir ângulos retos e um toque perfeito de prateado nas fontes. A mulher está sentada a seu lado, e aperta-lhe a mão.

A política não me interessa, mas nós estudámos o senador McCoy na escola como um exemplo de fracasso político. Fora preparado para concorrer à presidência, frequentava a casa dos Kennedys em Hyannisport e fizera um discurso fundamental na Convenção Nacional Democrática. Mas então o seu filho de sete anos havia sido raptado do parque do seu colégio particular.

No clip, Serenity inclina-se para o político. — Senador McCoy — diz ela —, eu tive uma *visão*.

Corte para um coro de gospel no estúdio. — Uma visão! — cantam eles em voz sonora, como se fora uma pontuação musical.

— Uma visão do seu garotinho... — Serenity faz uma pausa. — Vivo e de saúde.

A esposa do senador deixa-se cair nos braços do marido e soluça.

Pergunto-me se Serenity terá escolhido o senador McCoy de propósito; se tivera realmente uma visão da criança, ou se apenas quisera a publicidade dos *media* também à sua volta.

O vídeo salta para o terminal de camionetas em Ocala. Lá está Serenity, acompanhando os McCoy para dentro do edifício, dirigindo-se num transe de zombie para um grupo de cacifos perto da casa de banho dos homens. Vê-se a mulher do senador McCoy gritar «*Henry?*» enquanto Serenity diz a um polícia para abrir o cacifo número 341. Lá está a mala manchada, que é retirada pelo polícia, enquanto todos os outros recuam perante o fedor do corpo lá contido.

Por instantes, a câmara inclina-se e o vídeo fica de lado. Depois o operador lá se recompõe, a tempo de apanhar Serenity a vomitar, Ginny McCoy a cair inanimada, e o senador McCoy, o menino de ouro do Partido Democrático, a gritar-lhe para parar de filmar e a dar-lhe um soco porque ele não obedece.

Serenity não tombou apenas do seu estado de graça: escaqueirou-se e ardeu. Os McCoy processaram Serenity, que acabou por chegar a um acordo. O senador McCoy foi posteriormente preso duas vezes por conduzir alcoolizado, demitiu-se do Senado, e foi

para algures tratar da sua «exaustão». A mulher morreu um ano depois, de uma *overdose* de comprimidos para dormir. E Serenity tornou-se discreta e rapidamente invisível.

A mulher que se enganara redondamente com os McCoy era a mesma mulher que encontrara igualmente dezenas de garotos desaparecidos. Era também a Serenity Jones que residia agora na parte mais miserável da cidade e andava faminta por dinheiro. Mas teria perdido a sua capacidade para encontrar pessoas desaparecidas... ou teria estado sempre a fingir? Fora em tempos *realmente* médium, ou apenas afortunada?

Tanto quanto sei, um talento paranormal é como andar de bicicleta. Tanto quanto sei, se se tentar, ele volta.

Portanto, apesar do facto de ter a certeza absoluta de que Serenity Jones não quer voltar a ver-me aparecer à sua porta, também sei que encontrar a minha mãe é exatamente o tipo de rodas de que ela precisa para se treinar.